

## Equinócio

Entre as diversas formas de expressão artística, a cerâmica permanece em lugar privilegiado, pois além de ser uma técnica liminar da nossa cultura e do seu aspecto simbólico — “Do barro da terra formou o homem.” (Gênesis) — é possível transformá-la de objeto de design a artístico sempre que os seus criadores compreendem que esta matéria, essencial para o surgimento da vida, também é para a arte. A exposição EQUINÓCIO — título que denota a força vernacular das obras com a terra — tem curadoria de Ana Zavadil e apresenta no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul trabalhos dos artistas Ana Flores, Rogério Pêssoa, Simone Nassif e Israel Kislansky, como artista convidado, que se dedicam com grande habilidade e fidelidade à cerâmica contemporânea. A semente, o fruto, a casa e o corpo são as sínteses visuais desta mostra. As maçãs e os seres ocultos que habitam as formas estranhas de Simone Nassif, provocam ao mesmo tempo tentação e repulsa. Ana Flores e suas moradas identificadas com letras sinalizam a tipografia de uma história urbana a ser escrita pelo nosso olhar. Rogério Pêssoa com seu trabalho seminal espalha pela galeria Sotero Cosme como uma constelação poética. Israel Kislansky reafirma a premissa da criação humana de que somos feitos de barro. Agradecemos aos artistas e a curadora Ana Zavadil que reuniu nesta exposição a tradição da cerâmica com o talento contemporâneo.

André Venzon

### EQUINÓCIO

O termo instiga o pensamento para as possíveis ligações com as obras dos artistas da exposição. A relação é singela e diz respeito ao tempo e ao equilíbrio. O tempo refere-se à data da exposição, que acontece um dia após o equinócio de primavera. Já o equilíbrio aponta para os dias e as noites de forma igual, devido à luz solar que incide com a mesma intensidade nos dois hemisférios. Na mostra, o equilíbrio indica que está entre a técnica e a inventividade que permeia os trabalhos de cada um. Os artistas Ana Flores, Rogério Pêssoa, Simone Nassif e Israel Kislansky dedicam-se à cerâmica contemporânea. Em seus fazeres, o acúmulo de experiências condensa-se nas séries apresentadas, pautando um discurso impecável em que cada um deles infiltra no trabalho um mundo particular cheio de encantos, verdadeiros depósitos de emoções e vivências. Os trabalhos primam pelo rigor técnico e indicam dois caminhos a serem percorridos: um através da observação do todo e outro no fragmento poético que cada peça desempenha no conjunto. Ana Flores apresenta séries de casas e pratos na técnica raku, cujo resultado é obtido por meio de duas queimas em baixa temperatura 1.000°C. As casas são recorrentes em sua pesquisa e abarcam três sentidos: morada, lar e corpo. “Como casa-morada, oferece proteção, como abrigo físico que é; como casa-lar, anuncia-se como um lugar onde a vida é vivida como espaço íntimo e território pessoal, nela estão os objetos e as heranças que nos salvam do conceito de ‘não lugares’ de Marc Augé; como casa-corpo, acolhe vivências, onde o tempo de permanência é regido pela finitude e nos permite aqui estarmos até que ela chegue”. A narrativa está presente agregando as casas aos pratos e à azulejaria, também bastante pesquisada por Ana. Rogério Pêssoa, traz para as paredes da galeria trabalhos de grande impacto visual em séries em que a cerâmica, na técnica terracota

com óxidos, está associada a suportes em metal que as sustentam. As obras são construídas em caráter modular, ora se espalhando a partir do centro para as bordas, ora estruturando-se em limites idealizados para criar contrapontos, relevos e tessituras para o olhar. Simone Nassif cria um trabalho instigante em cerâmica gres, ou seja, a cerâmica 'nua' – despida de revestimentos e originadas pela monoqueima a 1.200°C. A obra explora os conflitos pessoais, a memória e a passagem do tempo como possibilidade de criação artística. Os objetos apresentam-se como pequenos seres lúdicos movendo-se ao redor da cama, e do olhar mais apurado não escaparão as curvas sensuais e a provocação que estão inseridas sutilmente em cada um deles. O artista Israel Kislansky compõe a mostra em uma participação especial com uma escultura de cerâmica da série "A Cor do Corpo", recém-realizada na Caixa Cultural de São Paulo. A sinuosidade, a cor e a beleza do corpo são o resultado da pesquisa atual do artista, em que a cristalização dos minerais e das argilas, na busca de cores inusitadas, mostra o seu potencial criativo. A cerâmica contemporânea – do design à arte – apresenta-se nas mais variadas vestes; é uma linguagem que incorpora novas atitudes do artista, em que a tendência é romper com o tradicional. O barro, como suporte, é encontrado em novas modalidades, como no espaço urbano ou no espaço do corpo. Em Equinócio, os artistas visam manter a técnica apurada nas suas práxis, buscando na forma e no conceito as inovações tão necessárias ao desenvolvimento das pesquisas, assim como em qualquer outra área de conhecimento que possui suas especificidades.

Ana Zavadil